

DA INDIVIDUAÇÃO EM SIMONDON AO INVENTAR-SE PELA EDUCAÇÃO INFANTIL

Este trabalho é parte de uma dissertação que se caracteriza como um estudo teórico cuja proposta se baseia na tese de Gilbert Simondon, *A Individuação à luz das noções de forma e de informação* (1958) e pela filosofia da diferença proposta por Gilles Deleuze e por Félix Guattari e pretende construir, e ou, delimitar um quadro teórico referente ao princípio de individuação, isto é, pretende questionar como se constitui a individualidade.

A partir do quadro teórico definido, lançamo-nos a pensar algumas teses referentes à educação e de como o corpo que se individua nas práticas educacionais pode realizar o que Deleuze e Guattari chamam de *hecceidade*¹ (*quer dizer individuação sem sujeito*) (1995a. p. 8), mesmo que, quando falamos da operação de individuação não dá para separá-la de um processo de subjetivação e devemos levar em conta que:

Pode-se com efeito falar de processo de subjetivação quando se considere as diversas maneiras pelas quais os indivíduos ou as coletividades se constituem como sujeitos: tais processos só valem na medida em que, quando acontecem, escapam tanto dos saberes constituídos como aos poderes dominantes. Mesmo se na sequência eles engendram novos poderes ou tornam a integrar novos saberes. Mas naquele preciso momento eles têm efetivamente uma espontaneidade rebelde. Não há aí nenhum retorno ao “sujeito”, isto é, a uma instância dotada de deveres, de poderes e saberes (DELEUZE, 1992 p.217-218).

Para tal, não concebemos a educação como um ato, nem como um efeito muito menos como um processo de desenvolvimento seja de valores, de moral, de funções sociais e até mesmo de conhecimento. Concebemos a educação como um território, um território de encontros², no qual os corpos se misturam e coexistem em suas experimentações, pelas quais o corpo se individua por intermédio de suas relações e dos seus afetos que se deram nesse encontro. Como podemos ver em uma filosofia spinozista

De um lado, um corpo, por menor que seja, sempre comporta uma infinidade de partículas: são as relações de repouso e de movimento, de velocidade e de lentidão entre partículas que definem um corpo, a individualidade de um corpo. De outro lado, um corpo afeta outros corpos,

¹ Conceito criado por Duns Scot referente a individualidade que tem como significado a realidade última do ser e que foi apropriada por Deleuze e Guattari.

² Quando falamos em encontro, estamos habitando a filosofia de Spinoza, pois para ele quando dois corpos se encontram, este encontro entre corpos é sempre casual e fortuito, temos um afeto provido de uma *paixão alegre* que aumentaria nossa potência de agir, se provido de uma *paixão triste* diminui nossa potência de agir. Deste afeto teremos uma afecção, que é: quando um corpo sofre a ação de outro corpo, ou age sobre o outro corpo, o que pode ser percebido sempre deixa vestígios.

ou é afetado por outros corpos: é esse poder de afetar e de ser afetado que também define um corpo na sua individualidade (DELEUZE, 2002. p. 128).

Observamos um corpo que está sempre se compondo a partir de seus encontros, portanto nunca se sabe o que um corpo é capaz, principalmente porque o corpo não é nem substância e nem sujeito, mas modos [...]. Definiremos um animal ou um homem, não por sua forma nem por seus órgãos e suas funções, e tão pouco como sujeito: nós o definimos pelos afetos de que ele é capaz (DELEUZE, 2002. p. 128 – 129).

Para ilustrar, Deleuze segue. Há, por exemplo, grandes diferenças entre um cavalo de lavoura ou de tiro e um cavalo de corrida, entre um boi e um cavalo de lavoura. É porque o cavalo de corrida e o de lavoura não possuem os mesmos afetos nem o mesmo poder de ser afetado; o cavalo de lavoura tem antes mais afetos comum com o boi (DELEUZE, 2002.,p. 129). Relação afeto e individuação que Simondon também havia descrito³. A Afetividade relacional que se refere aos produtos relacionados pela atividade de integração e a atividade de diferenciação, a qual podemos chamar de afetividade ativa, caracteriza o indivíduo em sua vida singular e não sua relação com a espécie (SIMONDON,2009. P. 238. livre tradução)⁴.

Se optamos aqui em pensar a educação partindo da educação infantil, não é porque consideramos a educação infantil o início de algo e nem uma etapa que o corpo tem que passar, é unicamente porque o corpo criança não sofreu tantos processos de individuação, apresenta-se em pura potência⁵, como nos descreve Abramowicz, a criança é devir, um futuro que não está e não é, uma criança traz em si esse futuro, ela é o tempo intempestivo, o tempo de ruptura, a fratura, a descontinuidade daquilo que não sabemos, não somos, não está, estamos em via de nos diferir, e que será inventado (2011. p.21.).

A operação de individuação ocorre pela singularidade, desde que nascemos, estamos nos individuando como podemos ver em Deleuze,

os recém-nascidos são todos parecidos e não têm nenhuma individualidade; mas eles têm singularidades, um sorriso, um gesto, uma careta,

³ É importante dizer aqui que a afetividade relacional ao promover a individuação no ser vivo, do qual apresenta um psíquico, a afetividade abandona seu papel central no vivente e se organiza junto as funções perceptivo-ativo; uma problemática perceptivo-ativo e uma problemática afetivo-emocional (SIMONDON, 2009. p. 241. livre tradução).

⁴ Integração e a diferenciação no vivente se dá com sua relação com o *grupo* e com o mundo, podendo se independente das operações no seu interior [...] tal ação no exterior causam mudanças na estrutura do conjunto e no que produz (SIMONDON, 2009. p. 235. livre tradução). Se pensarmos em Bergson podemos enxergar a matéria na integração, como representação e a duração na diferenciação, como um tempo descontínuo que possibilita o diferir-se.

⁵ Aqui quando falamos em potência não estamos nos referindo à potência aristotélica que atua nas quatro causas, transformar o ser em ato, isto é, sua finalidade, a potência para nós é algo que nunca se encerra, não é finita, é sempre uma diferenciação, sempre indeterminado.

acontecimentos, que não são características subjetivas. Os recém-nascidos, em meio a todos os sofrimentos e fraquezas, são atravessados por uma vida imanente que é pura potência, e até mesmo beatitude (DELEUZE, 1997b. p.14).

Tal processo acompanhará o corpo por toda a vida, sem nunca cessar de ocorrer, por mais que o corpo, e ou, o indivíduo pareça saturado, ao se deparar com um problema⁶ novamente se encontra no meio de um processo de individuação.

A proposta muda toda a concepção que se tem, não só do princípio de individuação com o próprio indivíduo, seja pela filosofia ou pelas ciências, Na filosofia o indivíduo é pensado desde a Antiguidade Clássica através de uma composição de matéria e forma, variando entre ambas o que se dizia como responsável pelo que torna possível a particularidade do indivíduo e o que é de comum a todos, sendo que no final da Idade Média os nominalistas propõe outra concepção frente a essa concepção hilemórfica⁷, pois afirmavam que era a substância a responsável pelo princípio de individuação.

Qualquer uma das teorias aqui mencionadas opera partindo de três domínios da filosofia o primeiro a física, o segundo a lógica e em terceiro a metafísica. Nos domínios da física traz em si a concepção de indivisível, pois se remete a um ser formado por matéria e forma, e ou, substância, que em nenhuma análise pode ser reduzido, isto é, não admite divisão sem perder sua particularidade, aquilo que lhe faz singular, portanto, o indivíduo não pode ser universal, exemplo: Sócrates.

Nos domínios da lógica a individuação se dá através de um determinismo o que leva ao ser em si, isto é sua finalidade, por isso as análises buscam compreender um ser total é esse pensamento lógico que irá servir de aval ao domínio da metafísica que é quem atribui ao ser seus valores morais, estéticos, políticos e religiosos, pois subjugava o indivíduo a um uno, um absoluto que por sua universalidade sobrepõe o particular presente no indivíduo. Restando apenas um indivíduo que ocupa todo o ser, ganha uma concepção de único, pois está acabado e totalizado, em uma realidade estável.

Esta forma de conceber o indivíduo por meio de uma determinação e por um pensamento dual não é exclusividade da filosofia. Nas ciências naturais podemos encontrar

⁶ Temos como problema uma relação sensível entre corpos, que se origina mediante um encontro, no qual não dá para dizer que os corpos saibam de antemão o que irá decorrer e a solução que este problema terá, pois o processo dará a partir das singularidades envolvidas. Não devemos pensar que porque falamos aqui de singularidade estamos nos referindo a um processo subjetivo, como nos demonstra Deleuze, A singularidade é essencialmente pré-individual, não pessoal, aconceitual. Ela é completamente indiferente ao individual e ao coletivo, ao pessoal e ao impessoal, ao particular e ao geral – e às suas oposições (2011. p. 55).

⁷ Conceito criado pelo Aristóteles ao pensar o indivíduo composto de matéria e forma, tal conceito foi tomado emprestado por Avicena no início do século onze para pensar como se dá a individualidade, sendo a matéria a responsável e a forma seria comum a todos os homens, tal concepção foi apropriada por Tomás de Aquino o qual passou a chamar a matéria de matéria signata.

teorias que seguem praticamente o mesmo pensamento, baseiam-se no princípio de uma organização que compõe o corpo, seja ele físico ou vivo e buscam sempre uma concepção biologizada que segue e ou cumpre um desenvolvimento no seu processo de individuação, sempre chegando a um determinismo, uma finalidade.

Podemos ver em duas vertentes modernas, uma afirma que existem organizações inferiores (físicas) e organização superiores (vivas) com origem e processos distintos, pois não se tocam, o inferior não pode originar algo como uma organização superior, cumprindo cada organização, um determinismo que lhe é próprio. E outro pensamento afirma que os seres vivos são originados dos seres físicos, ocorrendo apenas uma conservação na organização, sendo que nada se perderia nada se criaria, apenas haveria uma transformação nessa organização, que é possível devido a uma ligação na estrutura interna, originada em uma relação direta entre objeto e sujeito, pelo qual, as individuações do ser vivo, de certa forma já existiria desde a forma física que o antecede, tendo assim, uma individuação que buscaria uma finalidade já contida em sua matéria e substância.

Nas ciências humanas principalmente por meio da psicologia a individuação opera por um pensamento que em suma parte também de uma explicação biologizada que se dá em etapas, na qual busca explicações apoiando-se na teoria de um desenvolvimento do corpo, geralmente apoiada na *lei da biogenética*⁸, que como na filosofia apresenta um indivíduo que possui uma determinação tornando-o único, pois está acabado e totalizado, em uma realidade estável, podemos afirmar um *ser em si*.

Temos até então um pensamento que em diversas áreas do conhecimento se apresentam por uma lógica formal que opera pelo princípio de identidade e pelo princípio do terceiro excluído. O que permite as concepções de normas e padrões, que regulará o corpo e o indivíduo dentro das categorias, funcionalidades e hierarquias atribuindo sempre uma identidade ao corpo. O que permite pensar o princípio de individuação a partir do indivíduo que já está dado.

O que nos interessa é a inversão que Gilbert Simondon faz perante suas investigações, não se trata de explicar o processo de individuação pelo indivíduo e sim de explicar o indivíduo pelos seus processos de individuações. (2009). Para tal, Simondon nos apresenta alguns conceitos que vai buscar nas ciências naturais, seja na física, na química e na biologia, são eles: o paradoxo, a metaestabilidade e a transdução.

O paradoxo é o conceito que irá possibilitar-nos sair de um pensamento dual, pois o pensamento dual sempre é excludente, ou é uma coisa ou outra, acontece que as coisas

⁸ Foi assim que o biólogo alemão Ernst Haeckel (1834-1919) chamou o paralelismo entre o desenvolvimento do embrião individual e o desenvolvimento da espécie a que ele pertence. No que tange ao homem, “a ontogênese, ou seja o desenvolvimento do indivíduo, é uma breve e rápida repetição (recapitulação) da filogênese ou evolução da espécie a que ele pertence”(ABBAGNANO, p. 127)

não são assim, é a questão do paradoxo, pois sempre temos uma coisa, e outra, e outra e assim por diante, é sempre uma multiplicidade como podemos ver em Deleuze.

Quando Godard diz que tudo se divide em dois, e que de dia existe a manhã e a tarde, ele não diz que é um ou outro, nem que um se torna o outro, virando dois. Pois a multiplicidade nunca está nos termos, seja qual for seu número, nem no seu conjunto ou na totalidade. A multiplicidade está precisamente no *E*, que não tem a mesma natureza dos elementos nem dos conjuntos. [...] O *E* não é nem um nem o outro, é sempre entre os dois, é a fronteira, sempre há uma fronteira, uma linha de fuga ou de fluxo, mas que não se vê, porque ela é o menos perceptível (1992. p 60.).

É o paradoxo que vai permitir os outros dois conceitos que nos resta. A metaestabilidade é um conceito físico-químico que trabalhará com outros conceitos seja da física ou da química, mas parte principalmente do conceito de entropia, no qual temos o paradoxo atuando sobre ele, pois a metaestabilidade é uma realidade que comporta em si duas grandezas que coexistem, sem que haja comunicação entre elas. É só pensar em um recipiente com um líquido que descansa no congelador, em um determinado momento esse líquido é retirado do congelador, ele se encontra na forma líquida, mas devido ao encontro que ele realiza ele se torna sólido instantaneamente, não é que neste instante ele era líquido e se transformou em sólido, é que neste momento ele era líquido/sólido, ambos coexistiam.

A transdução que é um conceito biológico cuja palavra tem a raiz latina *transductione* que significa conduzir através de alguma coisa, se refere à transferência do material genético de uma bactéria a uma célula.

O fragmento de DNA transportado de uma bactéria a outra (de reboque no material viral) se incorpora ao cromossomo bacteriano desta última e passa a se comportar (pelo menos, durante certo tempo) como se fosse um gene dela mesma. Assim essa segunda bactéria começa dali por diante a revelar um caráter ou fenótipo que não possuía (SOARES, 1993. p. 499).

A partir destes conceitos Simondon demonstra que o indivíduo não é um total, não está acabado e nem caminha para uma finalidade, concepção a qual lhe esvazia de uma essência e de um ser, sendo que a realidade individual coexistia não só com o corpo, mas com uma realidade que o antecede, e do qual ela depende, pois como vimos no começo do texto a singularidade é anterior ao indivíduo, essa singularidade não é subjetiva e nem pessoal, pois existe antes de qualquer experiência, portanto, ela é uma realidade pré-individual e uma vez que o processo de individuação não se esgota, a realidade pré-individual não deixa de existir.

O que não permite pensar que o corpo/indivíduo seja algo inacabado, caso fosse estaríamos aceitando um pensamento dual, haveria algum corpo que também apresentaria como acabado, e ou, que algum momento se daria por acabado. O que temos é um corpo que se compõe e se decompõe. Como podemos ver no exemplo de Heráclito comentado por Plutarco.

[De acordo com Heráclito não é possível banhar-se duas vezes no mesmo rio, nem apreender uma substancia mortal em condição estável, *mas pela rapidez e intensidade da mudança ela se dispersa e de novo se reúne. Ou ainda mais que isso, não de novo, nem mais tarde mais ao mesmo tempo ela [se] forma e [se] dissolve, [se] aproxima e [se] afasta*] (citado por KAHN, 2009. p.255. Meus grifos)⁹.

Pois ambos, corpo e indivíduo, além de coexistir com o pré-individual apresentam uma realidade atual. E a singularidade, e ou, o pré-individual apresentam-se numa realidade virtual, mas como o Deleuze e Parnet nos diz. Qualquer multiplicidade implicam elementos reais (*actuels*) e elementos virtuais. Não existem objetos puramente real. (1996. p. 179.).

Desta forma o princípio de individuação só é possível mediante essa realidade metaestável, singularidade e indivíduo, pré-individual e individual, virtual e real que coexistem, lançam o corpo em movimento, isto é, em uma ação que perante um acontecimento promove a individuação.

Mas para que todo esse processo de individuação ocorra a partir de todo um sistema metaestável é preciso da existência de uma:

operação física, biológica, mental, social, por que uma atividade se propaga gradativamente no interior de um domínio, fundando essa propagação sobre uma estruturação do domínio operada de região em região: cada região de estrutura constituída serve de princípio de constituição a região seguinte, de modo que uma modificação se estende progressivamente ao mesmo tempo que esta operação estruturante (SIMONDON, 2003. p. 112.).

tal operação é o que Simondon chama de transdução, enfim a transdução é o próprio processo de individuação.

Simondon dentro deste paradoxo chamará a realidade pré-individual de ser *sem fase*, e o ser individuado, o indivíduo de as *fases do ser* e todas as individuações que se

⁹ Em outra obra que trás mais fragmentos, esta passagem está como fragmento 91, antes no fragmento 49 podemos observar mediante o encontro homem e água do rio que Heráclito já anteciparia essa questão do movimento, ausência de um equilíbrio estável que já se desloca o pensamento do pensamento dual. Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos (HERÁCLITO, citado por SOUZA, 2000. p.92)

daria a partir da primeira individuação, não deve ser pensada como uma causa inicial, pois quando ela ocorre pela primeira vez, não há indivíduo e desta forma, uma vez que o corpo já foi individuado é preciso que haja uma defasagem do ser, não é que o ser tenha que voltar ao pré-individual, como se fosse um outro lugar, pois estamos num paradoxo, são as duas coisas, o individual e o pré-individual, mas é preciso que ele habite sua singularidade e possa atualizar um virtual, Simondon chamará esse processo, a capacidade do ser de se defasar de unidade transdutora.

O que não podemos esquecer é que todo processo de individuação se dá é pela singularidade, pois,

As singularidades são os verdadeiros acontecimentos. [...] Longe de serem individuais ou pessoais, as singularidades presidem a gênese dos indivíduos e das pessoas: elas se repartem em um “potencial” que não comporta em si mesmo nem Ego (Moi) individual, nem Eu (Je) pessoal, mas que o produz atualizando-se, efetuando-se, as figuras dessa atualização não se parecendo em nada ao potencial efetuado (DELEUZE, 2011. p. 105).

Portanto, falamos de um pensamento que não se dá na transcendência e sai na imanência:

O plano de imanência compreende simultaneamente o virtual e a sua actualização, sem que possa haver um limite assimilável entre os dois. O real é o complemento ou o produto, o objeto da actualização, mas esta tem somente por sujeito o virtual. A actualização faz parte do virtual. A actualização do virtual é a singularidade, enquanto o próprio real é a individualidade constituída. O real cai fora do plano como um fruto, enquanto a actualização o reporta ao plano como aquilo que reconverte o objeto em sujeito (DELEUZE & PARNET, 1996. p. 179.).

Face ao exposto e ao pensar a educação como um território de encontros e tomar para nossa proposta o conceito de diáspora pensado por Avtar Brah, no qual os corpos que habitarão este território se apresentam como heterogêneo e que ao se encontrarem promovem acontecimentos, os lançando assim a um movimento de desterritorialização e um processo de reterritorialização.

Pois como vimos em Simondon, ao efetuar uma ação que ocorrerá no interior de um domínio e propagará de região a região através das estruturas criadas e estruturadas a partir do encontro e se pensarmos tal evento ocorrendo na educação, partindo dos encontros que o corpo criança efetuará nesse território podemos parafrasear Deleuze e Guattari.

O ambiente-criado não é a imagem do ambiente-real que a criança já tinha.
O ambiente-criado faz rizoma com o ambiente-real, o ambiente-criado

assegura a desterritorialização com o ambiente-real, mas o ambiente-real opera uma reterritorialização no ambiente-criado, que se desterritorializa por sua vez em si mesmo no ambiente-real (1995a.).

O que levará o corpo criança a se defasar e se individualizar. O que ocorre com o corpo criança depende do poder de ser afetado e de afetar que ele tem, mas é em sua singularidade que ele terá para inventar a sua relação com outros corpos e com o ambiente atrás da resposta do problema do qual ele está experimentando, vivenciando. É sempre uma criação do corpo. É como na antropofagia. A antropofagia era esse movimento na temática sobre o outro, comer o outro para poder criar algo que era “outro” e, somente assim, novo. Pois novo nessa perspectiva é a capacidade de outrar-se (ABRAMOWICZ, 2011 p. 32).

A capacidade transdutora, isto é, a capacidade que o corpo tem de se defasar para resolver seus problemas descarta qualquer possibilidade da educação pensar em reconhecimento, pois.

Há no mundo alguma coisa que força a pensar. Este algo é objeto de um *encontro* fundamental e não de uma *reconhecimento*. O que é encontrado pode ser Sócrates, o templo ou o demônio. Pode ser apreendida sobre tonalidades afetivas diversas, admiração, amor, ódio, dor. Mas em sua primeira característica, e sob qualquer tonalidade, ele só pode ser sentido. É assim que ele se opõe a *reconhecimento*, pois o sensível, na *reconhecimento*, nunca é o que só pode ser sentido, mas o que se relaciona diretamente com os sentidos num objeto que pode ser lembrado, imaginado, concebido /.../ Aquilo que só pode ser sentido (o *sentiendum* ou o ser do sensível) sensibiliza a alma, torna-a “perplexa”, isto é, força-a a colocar um problema, como se o objeto do encontro, o signo, fosse portador de problema – como se ele suscitasse problema. (DELEUZE, 2006. p. 203-204).

E uma vez no problema, o pensamento não busca apaziguamento; nem mesmo afastar o perigo do negativo, e sim, exatamente a conquista, a criação e a invenção (ABRAMOWICZ, 2011. p. 23.). Assim a solução que o corpo criança produz é sempre uma invenção, uma criação de sua singularidade, um produto, que só servirá para ele frente aquele problema, pois se deparar com um outro problema, e ou, algo novo no problema que já tinha, o corpo é lançado novamente em movimento, isto é, ele defasa-se novamente, e o produto que tinha não serve mais para nada, uma vez que o produto é o que é, e o movimento é o que não é, que não é mais (DELEUZE, 1999. p. 127). Portanto, a *reconhecimento* de nada vai servir, pois o corpo foi forçado a pensar novamente, a criar e a inventar uma nova solução para o problema novo do qual ele habita.

Talvez nos valha a pena pensar na educação unicamente como educação infantil, uma vez que a palavra infantil é uma variação da palavra infância que tem sua raiz no latim, *infantia*, que em sua formação apresenta o prefixo *in* que tem seu significado de negativo, não e a palavra fari, que significa falar, isto é, sem fala, ou não fala.

Muito se pode dizer no que se refere aos bebês, pois não falam, ou então de crianças pequenas, e ou, em geral, das quais mesmo que falem, de nada resolveria, pois não são ouvidas, ou o que querem dizer não tenha nenhum valor, partindo de um pressuposto social, por exemplo, juridicamente.

Para que possamos ter uma individuação sem sujeito, de nada adianta a fala ou mesmo a palavra, pois a individuação é uma operação que se dá a partir do acontecimento, isto é, não é nem um ser nem uma de suas propriedades, mas o que é dito ou afirmado do ser. (BRÈHIER, 2012. p. 33). A linguagem, a palavra, o significado é o que resultou da mistura de corpos que se deu no acontecimento, o significado, não é nenhuma causa, seja ela inicial ou final, do significado não se origina nada ele é apenas um efeito, um resultado dos sentidos, não uma entidade plena. Como podemos ver nos estoicos, quando a navalha corta a carne o primeiro corpo produz sobre o segundo não uma propriedade nova, mas um atributo novo, o do ser cortado (BRÈHIER, 2012. p. 33).

Temos um paradoxo, o que é dos domínios da física, o corpo e do que é dos domínios da lógica, a palavra, mas o paradoxo não vale nada, se não se acrescentar, com os estoicos: as transformações incorpórea, os atributos incorpóreos, são ditos, e só são ditos, acerca do próprio corpo (DELEUZE, 1995. p.27b). Portanto a palavra só se remete a palavra, o signo só se remete ao signo (DELEUZE, 1995b), nunca a experimentação e ao problema que possibilita a individuação e ao conhecimento, pois todo conhecimento é de certa forma uma individuação.

A educação que se faz com palavras e significados, sabemos como ela se dá.

A professora não se questiona quando interroga um aluno, assim como não se questiona quando ensina uma regra de gramática ou de cálculo. Ela “ensina”, dá ordens, comanda. [...] A máquina do ensino obrigatório não comunica informações, mas impõe à criança coordenadas semióticas com todas as bases duais da gramática (masculino-feminino, singular-plural, substantivo-verbo, sujeito do enunciado-sujeito de enunciação, etc). A unidade elementar da linguagem – o enunciado – é a palavra de ordem.(DELEUZE, 1995b p.11-12)

Como nos diz Parain citado por Deleuze. A linguagem não é a vida, ela dá ordens a vida; a vida não fala, ela escuta e aguarda (1995b. p. 13). Pois a linguagem organiza a vida, enquanto a palavra corta o fluxo e estratifica o devir.

É contra essa concepção que devemos pensar a educação, como educação infantil. Pois a infância é sempre o que vaza, o que foge dos deveres, dos saberes e dos poderes, é o que quebra a linguagem, a palavra. A infância nos é o que Abramowicz nos fala, a infância como experiência (2011), a potência que possibilita uma individuação, o devir criança, nunca uma etapa, um período, um início, sempre uma afirmação, pois a infância não abandona a vida, é sempre vontade de potência. É como retomar a Nietzsche quando fala do artista: toda sua vida ele permaneceu um menino ou um adolescente, e parou no ponto em que foi tomado por seu impulso artístico (2000, p.108).

Referências bibliográficas.

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BRÉHIER, E. *A Teoria dos Incorporais no Estoicismo Antigo*. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.
- DELEUZE, G. *Bergsonismo*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.
- DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. São Paulo: Graal, 2006.
- DELEUZE, G. *Espinosa Filosofia Prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DELEUZE, G. A imanência: uma vida... In: VASCONCELOS, J.; ROCHA FRAGOSO, E. (Org.). *Gilles Deleuze: imagens de um filósofo da imanência*. Londrina: UEL, 1997.
- DELEUZE, G & GUATTARI, F. *Mil Platôs. v. I*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, G & GUATTARI, F. *Mil Platôs. v. II*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, G. & PARNET, C. *Diálogos*. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.
- HERÁCLITO, *Sobre a Natureza*. In J. C. SOUZA *Os Pré-Socráticos – Os Pensadores*. Nova Cultural: São Paulo, 2000.
- KAHN, C. H. *A Arte e o Pensamento de Heráclito: Uma edição dos fragmentos com tradução e comentário*. São Paulo: Paulus, 2009.
- NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.
- SIMONDON, G. *A gênese do indivíduo*. In. PELBART, P. P.; COSTA, R. (Org.) *Cadernos de subjetividade: o reencantamento do concreto*. São Paulo: Hucitec, 2003. pp. 97-117.
- SIMONDON, G. *La Individuación*. Buenos Aires: ediciones La Cebra y Editorial Cactus, 2009.
- SOARES, J. L. *Dicionário Etimológico e Circunstanciado de Biologia*. São Paulo: Editora Scipione. 1993.